

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero III

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

E' notavel como os reis em toda a parte preferiram sempre a religião de Roma a todas as outras. E' que nenhuma se coaduna melhor com o despotismo!

Aquelles que abraçaram o protestantismo, na Inglaterra como em toda a parte, fizeram n'ó sempre por impulso da nação. Entre sacrificar a corôa e sacrificar o papismo preferiam, naturalmente, este ultimo sacrificio. Mas as suas tendencias individuais eram invariavelmente para o romanismo. E quando abraçavam o protestantismo faziam d'elle uma religião semelhante, em tudo, ao papismo. *Sem bispos não ha reis*, exclamava Jacques I. Esta phrase ficou eternamente verdadeira.

Vimos na Inglaterra como Henrique VIII proclamou o protestantismo. Foi depois de ter empregado os maiores esforços para obter de Roma o titulo de *Defensor da Fé*. Foi depois de ter escripto contra Luthero a *Assertio septem sacramentorum adversus Martinum Lutherum*, a que o papa Leão X chamou um *diamante do céu*. Mas como o papa, para não desgostar a Hespanha e não ficar de mal com o poderoso Carlos V, hesitou em lhe dar o divorcio de Catharina de Aragão, como elle pretendia, e como Henrique VIII tinha tendencias despoticas de tal ordem que nem mesmo o jugo religioso admittia, separou-se de Roma.

Mas separou-se como? Constituindo a religião episcopal, menos absurda que a papista, mas cheia de embaraços ainda á liberdade de consciencia. E manteve-a com o despotismo que já referimos, fazendo trabalhar a força e a fogueira constantemente em favor d'ella, levando ao desterro, á prisão e a morte todos aquelles que o usassem contraria-la ou discutia-la.

A Henrique VIII succedeu Eduardo VI, creança, que morreu antes de reinar. Depois a famosa Maria, a Sanguinaria, que restabeleceu logo o catholicismo, commettendo atrocidades de tal ordem que a historia lhe deu o cognome de *Sanguinaria*.

Isabel, que lhe succedeu, vendo a opposição formidavel do paiz contra o catholicismo, convenciua de que sua irmã teria succumbido deante d'essa opposição se vivesse mais tempo, espirito fino e cynico, proclamou novamente a religião de seu pae! Mais nada. Foi, como este, do maximo ardor em repellar todas as innovações e reformas e do maximo rigor con-

tra os reformadores, que perseguia, prendeu, enforcou, queimou com tanta ferocidade como seu pae Henrique VIII.

A Isabel succedeu Jacques I, filho da catholica, dissoluta e perversa Maria Stuart, a celebre rainha da Escossia que encheu o mundo com a historia das suas aventuras amorosas, a que fez voar a casa do proprio marido por meio d'uma explosão para se vingar do assassinato commettido na pessoa de Rizzio, o aventureiro italiano, o seu amante favorito e dilecto.

Jacques I era o tal que respondia aos presbyterianos da Escossia: *Sem bispos não ha rei*.

E não só manteve os bispos, como todo o seu proposito, durante todo o seu reinado, foi restabelecer o papismo, como tivemos já occasião de referir.

A Jacques I succede seu filho Carlos I, catholico fervoroso, casado com a fervorosa catholica Henriqueta de França, conspirando tenazmente contra as liberdades religiosas e politicas da Inglaterra e perdendo o throno e a vida por causa d'essa conspiração affrontosa.

Depois do curto interregno da republica, curto e assim mesmo gloriosissimo, succede a Carlos I seu filho Carlos II, um despotista como todos os seus antecessores, um papista como todos elles, mas mais biltre e pulha que nenhum.

Vejam os leitores a tendencia, para o papismo, d'esses testas coroadas ingleses! Aceitam á força o protestantismo, o proprio protestantismo episcopal, apezar de não differir na essencia do catholicismo romano. Esse mesmo protestantismo elles aceitam por força das circunstancias, que não por sua vontade. E, ainda assim, Maria a Sanguinaria, e Jacques II como veremos, põem de parte todo o interesse para restabelecerem francamente o romanismo.

Quer dizer, a religião que se coaduna com o espirito absolutista, como é, no fundo, todo o espirito real, é sempre a religião catholica, apostolica, romana. E' a religião dos jesuitas, é a religião do Papa, é a religião da milicia sem familia e sem patria, é a religião do absurdo por excellencia, embora todas as religiões sejam absurdas, é a religião do despotismo, da força, da reacção, porque se na Inglaterra e em outros paizes protestantes tambem houve atrocidades commettidas em nome do protestantismo nenhuma egualam, nem de perto nem de longe, as que se commetteram em nome do papismo. E a maior parte das atrocidades do protestantismo provieram da propria reacção papista.

Attendam a isso os leitores. Nós não estamos falsificando a

historia. Estamos trasladando-a fielmente para aqui.

Ora o que se tem visto por ella, e o que hav nos de continuar a ver, é que na Inglaterra, nação onde, melhor que em qualquer outra, se pôde estudar a nossa these, os reis tenderam sempre para o papismo—até a propria rainha Victoria morreu secretamente catholica, segundo se diz—e conspiraram sempre a favor d'elle e que d'essa conspiração e da resistencia do paiz resultou a lucta homérica que estamos descrevendo.

Lucta formidavel, cheia de combates, de tragedias, de atrocidades, de crimes, que prova a admiravel força de resistencia do povo inglez e que ensina a todo o mundo que só com essa resistencia se pôde vencer.

Lucta admiravel, que prova que os progressos e grandeza da Inglaterra resultam unicamente das liberdades religiosas e politicas que, atravez de luctas seculares, soube conquistar.

Da Inglaterra, dos Estados Unidos, de toda a raça saxonica. Foi grande e é grande pelo seu espirito de liberdade.

Sabam-no todos os imbecis e ignorantes, que desconhecem a razão dos factos historicos e que, por isso, se fartam de dizer asneiras e de vomitar sandices sobre elles.

A raça saxonica é grande pelo seu espirito de liberdade. Se a politica de Mac-Kinley—politica abominavel—triumphar nos Estados Unidos, e a politica de Chamberlain triumphar na Inglaterra, essa politica marcará o periodo de declinação e de queda da poderosa e forte raça anglo-saxonica.

Ora nós veremos.

Que não triumpham.

Podem estar seguros de que não triumpham.

E continuaremos.

INDECOROSO

No cemiterio d'Ilhavo, que, como todos sabem, tem uma area muito limitada, está-se dando o facto inaudito, improprio da civilização actual, de serem abertas covas no mesmo terreno, no curto espaço de cinco annos. O resultado é facil de advinhar: apparecem á superficie restos humanos n'um estado incompleto de putrefacção, que repugna!

E a auctoridade competente olha para tudo isto com um olhar de indiferença, como se a hygiene não soffresse com isto!

Dispensando os commentarios que o caso reclama, chamamos a attenção do sr. administrador d'aquelle concelho para estes escandalos, e estamos certos de que s. ex.ª nos dispensará de voltarmos á estacada.

Cartas d'Algures

19 DE SETEMBRO.

Ha mezes, toda a imprensa liberal censurava, asperamente, o sr. Luiz de Magalhães pelas palavras que pronunciou sobre seu pae.

O que influe sobre esse senhor, afinal, senão o espirito fidalgo?

O sr. Luiz de Magalhães reneou todas as tradições de seu pae, por fidalguia. Tem orgulho em ser filho de José Estevão, porque José Estevão é um *brazão*. Sim, é um *brazão*. O sr. Luiz de Magalhães não o conhece, nem o respeita, nem o estima, nem se orgulha d'elle senão como um *brazão*. Fóra d'isso, detesta-o.

Nos seus habitos, na sua conducta, nas suas relações e affirmações o filho desmente completamente o pae. Repudia-o, até. Sente-se no homem amigo e partidario de João Franco o inimigo instinctivo do homem que preferiu o discurso sobre o *projecto da constituição*, sobre o *Porto Pireo*, sobre a *suspensão das garantias*, sobre o *Charles et George*, sobre as *irmãs da caridade*, sobre as *ezequias do conde de Cavour*, sobre a *liberdade d'ensino*, e na defesa do *Portugal Velho*.

José Estevão foi um homem coherente, em todos os seus actos e palavras. Desde o primeiro até ao ultimo discurso é sempre o defensor da liberdade, da soberania popular, das conquistas democraticas. Defende os seus principios com a palavra, com a penna e com a espada. Sempre! Sem hesitações, sem desmaios, embora na corrente frouxa da sua cultura e da sua educação.

Isto repugna tanto ao filho, que lança sobre o pae a insinuação d'especulador!

O pae não combateu as irmãs da caridade por amor da liberdade. Foi por *conveniencias politicas*!

Dois minutos de reflexão mostrariam ao filho a estupidez da affirmativa. Pensando um instante, elle veria que, além de se collocar n'um campo moral terrivel, proferia uma affirmação estúpida, que resaltava, como tal, immediatamente, aos olhos de todos.

Mas aquillo foi o fructo natural, o producto instinctivo da aversão que elle tem pelo lado moral do pae. Repugna-lhe, ao fidalgo, o revolucionario companheiro do pé descalço. Aceita-lhe o nome e d'elle se gloria. Por fas ou por nefas, o revolucionario foi um ascendente. Constituiu um *brazão*. O fidalgo entronca a aristocracia n'esse ascendente e cunha o *brazão* nos pergaminhos. E fecha os olhos para engulir o resto como

quem engole um copo d'agua salgada.

Em tudo e por tudo o espirito fidalgo d'esta terra, d'uma fidalguia *arrebentada*.

Que nós nunca tivemos grandes fidalgos. O typo do nosso fidalgo era o morgado. Typo genuinamente nacional. Mandrião e pulha. Na historia ingleza, franceza, allemã, etc, encontra-se bastas vezes o fidalgo associado a grandes aspirações nacionaes. Ou, então, envolvido em grandes luctas e tragedias a favor dos seus predomínios e privilegios. Entre nós nunca houve nada d'isso. O nosso fidalgo foi salteador e pulha. Algumas vezes foi talentoso sem deixar de ser pulha. Raras vezes foi valente e honesto. Nunca defensor audaz d'uma idéa de emancipação e liberdade.

Batia-se em Din como um heroe e vendia a patria aos hespanhoes, e vendia-se a elle proprio, como um biltre. Murmurava da torpe adultera que se sentava no throno ao lado de D. Fernando e fazia com ella causa commum contra a patria. Em todas as circunstancias e conjecturas nunca teve outro ideal senão vida de folias e pandegas. Quando ia á India e á Africa ia como um salteador e não como um cidadão, um patriota ou um crente.

A sua mira não era a gloria nem a religião. Era o roubo.

Isto, com excepções, foi assim. Ora é esse ainda o espirito fidalgo da actualidade.

O morgado era um mandrião devasso e inutil. Alegrias de espirito não as tinha. Só conhecia as alegrias do corpo. Boa meza, boa cama, bom vinho para a meza e boa mulher para a cama, corridas de toiros, caçadas, e era tudo. Da religião admittia todos os absurdos e todas as monstruosidades, já porque era, moral e intellectualmente, incapaz de se revoltar contra ellas, já porque não pretendia outra coisa senão o regabofe da vida eterna. Pandega na terra e pandega no céu. A religião podia matar, torturar, infamar, que para o morgado era tudo indifferente desde que n'esta vida e na outra tivesse vinho, jogo, mulheres, matilhas de cães, cavallos e toiros.

O fidalgo portuguez era uma besta, era um porco.

Ora as fidalguias actuaes ainda são precisamente do mesmo genero. Todos nós comprehendiamos habitos e costumes fidalgos com expansões de intelligencia e de espirito, com revoltas de caracter, com esse sainete intellectual e moral que distingue o homem do bruto. Mas isso falta completamente entre nós. Em Portugal todos são fidalgos, ser fidalgo é a mania de toda a gente, mas fidalgo cuja fidalguia se resume em ser do *bom tom*, fidal-

O ANALPHABETISMO NO EXERCITO

go da tradição portugueza, fidalgo á moda antiga. A gente corre os nossos politicos, os nossos escriptores, é encontra-os a todos acanhados, mesquinhos, ou insignificantes e reles. Os maiores. Oliveira Martins, Eça de Queiroz, esses mesmos são acanhados. Lê a gente uma pagina da *Reliquia e do Padre Amaro*, e quando julga ter na sua frente um pensador audaz, uma alma de revolta, um espirito nobremente satânico, depara com um dilettante que se deixa aspergir d'agua benta depois de morto, que tem especial prazer na convivencia d'esses beatos e fidalgos que nos livros enche de satyras, sarcasmos e ridiculos, que entrega os filhos, de mãos atadas, a essa Igreja que define admiravelmente nas figuras magistraes dos seus romances, a Igreja que fulmina nobremente e sábiamente pela bocca do medico Gouveia, um dilettante, um mero dilettante, que escreve, afinal, não por amor da verdade mas por amor da arte. E' para fazer estylo. São pintores de genero.

Esse Oliveira Martins a prégar o poder pessoal e a morrer de roxario na mão, depois de ter escripto o *Portugal Contemporaneo* e a *Historia de Portugal*, dá-nos a impressão de todos estes palradores pelintras que topamos na redacção dos jornaes e nos clubs jacobinos, afirmando e berando, sem terem a consciencia do que affirmam e do que beram, ou sem dizerem e escreverem tudo quanto pensam e quanto sentem, ou sem tirarem as conclusões logicas dos principios que affirmaram com medo de melindrar o compadre, o conhecido e o amigo.

Pelos maiores temos esta tristeza que tem o homem, que sente, deante d'uma obra com proporções para ser grande e que ficou acanhada. A gente tem pena do artista, que tinha folego, não haver sahido d'aquelle acanhamento.

Falta-lhe grandeza, falta-lhe o rasgo fulgurante dos espiritos audaciosos e altivos, falta-lhe o prestigio de coherencia dos emancipadores ou dos reformadores. Assim em Eça de Queiroz, Eça de Queiroz não é um homem. Oliveira Martins ainda menos. N'este a impressão já é de tédio. N'este vê a gente o homem inferior que se deslumbra e invadece com a com a convivencia da alta roda e com a amizade do rei. Em Portugal não ha homens, diz o povo, e diz muito bem. Em Portugal ha litteratos, mas litteratos só de Portugal. E os litteratos de Portugal não são homens.

Isto tratando se de Eça de Queiroz e de Oliveira Martins. D'ahi para baixo é tudo um nojo.

Muito correctos, alguns, muito apumadinhos na phrase e no dizer, mas, por isso mesmo, insignificantes. A mesma incorrecção tem grandeza no talento.

A espontaneidade e a originalidade não pôde estar a limpar o pó dos sapatos e a desfazer a ruga dos vestidos para sahir. Quando ella é grande, pujante, artistica, productiva, fecunda, a propria incorrecção concorre para o conjunto imponente e gracioso.

Todos estes nossos politicos, todos estes nossos escriptores engraxadinhos, correctinhos, apumadinhos, são pelintras, são re-

les. E quando não são assim cahem n'uma garotice de Marianno, que nem por fazer as delicias d'esta sociedade de barrigudos graves ou de galopins eleiçoeiros deixa de constituir, no fundo, a mesma pelintrice.

Por qualquer lado, a fidalguia acanhada ou pulha do morgado.

Não acreditem. Mas isto é assim.

A. B.

Imposto do real d'agua

Diz-se que terminará no fim d'este mez o imposto do real de agua, devendo começar a ter execução em janeiro proximo a nova lei do sr. ministro da fazenda para o substituir.

De visita ao sr. capitão Christó, esteve na sexta-feira n'esta cidade, seguindo para Espinho, o sr. João d'Almeida Leitão, dignissimo alferes de infantaria 14.

SERÁ VERDADE?

N'uma correspondencia de Lisboa para *O Primeiro de Janeiro*, lê-se o seguinte:

O sr. Bento José da Costa, inspector de instrucção primaria no distrito de Aveiro, na inspecção a que anda procedendo ás escolas do seu distrito, encontrou alguns professores com diplomas falsos da sua habilitação profissional, facto que immediatamente communicou, como não podia deixar de fazer, ao sr. director geral de instrucção publica, o qual, por seu turno o communicou ao sr. ministro do reino.

Sendo, como é, anormalissimo tal acontecimento, isto impressionou a opinião de todo o pessoal da direcção geral, e o sr. ministro do reino, suppondo, e muito bem, que os «produtos da fabrica» se tenham espalhado por varias escolas e por diversos districtos, ordenou que fosse chamado a Lisboa o sr. Bento José da Costa para o encarregar de syndicar, em todo o paiz, da legalidade dos diplomas dos professores e professoras, bem como da legalidade dos processos administrativos procedentes dos mesmos diplomados, serviço que vae já principiar pelo distrito d'Aveiro.

Esta commissão, de véras melindrosa, honra o sr. Bento da Costa, por demonstrar a extrema confiança que n'elle tem o sr. ministro do reino e director geral de instrucção publica.

LUCTUOSA

Após um prolongado soffrimento, falleceu na terça-feira n'esta cidade, a sr.^a D. Amelia da Cunha Moraes Machado.

Ha actualmente em Portugal 33 igrejas protestantes, 27 escolas evangelicas e 41 uniões christãs.

Desastre

Na quinta-feira á noite deu-se um desastre bastante sério na ponte da Gafanha, e podiamos ter hoje algumas desgraças a lamentar. Um carro da alquilaria do sr. José Maria dos Santos Freire, que vinha da Costa Nova para esta cidade, com algumas pessoas dentro, ao chegar á ponte, a egua teve medo da agua, galgando de um pulo o parapeto, ficando pendurada e presa pelos tirantes, conservando-se assim o pobre animal muito tempo, até que o cocheiro pedisse soccorro. Mas foram inuteis todos os esforços para salvar o animal d'aquella critica posição. Ao ser-lhe cortado os tirantes a egua cahiu da ponte abaixo, d'uma altura consideravel, não tornando mais apparecer.

Os passageiros apenas receberam o susto.

A ESPOSA DE MAC-KINLEY

Um telegramma de New-York informa que telegrapham de Canton a informar que é grave o estado da viuva de Mac-Kinley, temendo-se um descalce fatal.

As *Novidades*, de terça-feira ultima, publicavam um artigo do illustre official superior de cavallaria, sr. Xavier Machado, precedendo-o de varias considerações. Transcrevemos tudo em seguida:

Escolas regimentaes

Adiante publicámos um artigo sobre escolas regimentaes, do nosso presado amigo, e antigo e sempre estimavel collaborador d'esta folha, o sr. Xavier Machado.

A doutrinae exposição contidas n'esse artigo, apreciadas sómente em si proprias, não dão presa para reparos. No exercito, como em todas as outras instituições e classes, a instrucção é sempre um beneficio a desejar e promover. Mas se considerarmos o assumpto nas suas relações de applicação prática, a situação muda muito de aspecto. Teriamos muito que dizer a esse respeito, tanto sob o ponto de vista geral como no especial, mas faremos apenas brevíssimos reparos.

A função principal do regimento, a que provem da propria natureza da instituição, é dar a instrucção militar; não é substituir-se ao mestre-escola. O contrario seria a inversão dos papeis, que então deveria ser logica, ensinando-se primeiras letras nos regimentos e instrucção militar nas escolas primarias. Satisfeita a instrucção militar, dê-se ao soldado qualquer outra, como complementar ou accessoria, se sobrar tempo. Mas de que serve pensar e discretar sobre taes phantasias, se, no actual regimen do nosso exercito, os soldados nem se demoram nos corpos o sufficiente para aprenderem a instrucção militar elemental, que é preceituada nos regulamentos? Como pensar em frequencia de escolas, se muitas vezes nem ha soldados em numero para se constituir guarda do quartel? Ora assim como a força dos exercitos não se affirma por visualidades, tambem a instrucção se não espalha meramente por palavrados.

Ahi vae um facto, entre centenas de outros analogos: ha poucos mezes, n'um dos nossos regimentos de artilheria, foi recebida ordem para que o official de dia fizesse um exercicio, do serviço da arma, com todo o pessoal disponivel. Tratava-se de ensinar a manobra da peça, que para esse fim está no quartel. O official reuniu toda a tropa do regimento, e compareceram por junto... sete soldados. Pelo que, houve por mais acertado, para cumprir a ordem, enviar aquella grande tropa ao collega, que estava presidindo á instrucção dos recrutas. Pois que exercicios havia elle de fazer com um regimento de sete soldados! E que frequencia de escolas pôde haver com taes effectivos! O mal vem de raiz. Se ahi o não atacarmos com energia e boa vontade, é inutil pensar em escolas e regimentos.

Ainda na qualidade da instrucção complementar ou accessoria, que nos regimentos se poderá administrar, quando sobre o tempo da instrucção militar, ha que discutir. Em regra, o regimento não deve substituir o mestre escola. O que de nenhum modo quer dizer, que não sejam para imitar, e dignas do maior louvor, as dedicações como a do sr. Homem Christo. Nem sempre a organização official pôde apropriar-se dos exemplos de dedicação individual. No exercito italiano foram agora introduzidos cursos de agricultura prática; para os vagares, é claro. Ahi está uma ideia altamente proveitosa. N'uma só lição, que possa receber, o soldado aprenderá alguma coisa util; em muitas lições de instrucção primaria, interrompidas pelo serviço e mal seguidas de estudo, o soldado não chegará a aprender coisa que lhe sirva.

Isto são já aspectos particularistas da questão; mas o grande mal é na raiz, que deve ser procurado e corrigido. E para isso é que vemos poucas tendencias.

Desculpe-nos o nosso presado amigo e illustrado collaborador estes breves reparos, que de nenhum modo infirmam as apreciações do seu bello artigo, e tem unicamente por fim accentuar da nossa parte algumas reservas, que resalvem de equívocos as nossas proprias opiniões. Segue o artigo do sr. Xavier Machado:

Em uma das propostas apresentadas ultimamente ao parlamento pelo illustre e nobre ministro da guerra, proposta por sem duvida a mais completa e perfeita d'uma série, tendente a modificar os serviços geraes e especiaes do recrutamento militar, estatua-se que o serviço no exercito permanente pudesse ser de seis mezes para as praças que, mediante boas provas, fossem classificadas como atiradores de primeira classe. Bem pensado era em verdade este principio. Bem pensado e justo, tendo a abengal-o os axiomas da logica e a intelligente estrutura dos exercitos nacionaes.

Todavia esse principio poderia ser muito mais completo e meritorio! Indubitavelmente o seria se, a par d'este proficuo incentivo destinado principalmente ao necessario aperfeiçoamento da arma de infantaria, elle abraçasse tambem nos seus effectivos outros attributos geraes de perfeição moral e militar, que nem só fazer o tiro em condições de justeza e destreza constitue o ideal organico dos exercitos.

Nas condições actuaes do serviço militar, diremos mais, nas condições delicadissimas em que se encontra o mecanismo da organização, ha muitas necessidades a sopesar e vencer. Necessidades novas, cada vez mais instantes e impreteriveis, a que é mister attender, porque, se por um lado a força dos exercitos não tem coefferentes de acção sem armamentos primorosos, caros e numerosos; por outro a carencia de bem os empregar obriga a maiores exigencias de intellectualidade, ao mesmo passo que o accrescimento dos effectivos se torna uma consequencia da nova orientação da guerra, sendo portanto um dos seus mais importantes aforismos.

Em qualquer nação porém, e para isso não é absolutamente necessario ter a envergadura de grande potencia, dar ao exercito o numero que lhe produza consistencia, solidez e cohesão não se antolha empresa difficil, como por demais escabroso não é do tal-o com um armamento forte e perfeito. Basta para o conseguir um arreigado e sincero sentimento de amor patrio, e por ventura uma orientação sensata de governo e de elementos de direcção. O que é difficil, o que é extremamente, superiormente difficil, é transformar em um momento analphabets em intellectuaes, satisfazendo e correspondendo aos expoentes modernos da arte da guerra no que ella pede e exige aos expoentes do raciocinio militar.

Vae longe, muito longe, o tempo do soldado automato, como immerge já na sombra a lembrança do soldado feito churrião de batalha. A guerra de hoje é uma luta de razão em que só o saber constitue direito de auctoridade. Visão luminosa, visão esclarecida, a guerra, é uma conjunção de sciencias congenitas a que as sombras da morte não evita o brilho das conquistas intellectuaes e moraes. Toda a guerra é uma função intellectual, porque toda ella gera o progresso e assenta nos dominios da civilização. A uma grande hecatombe corresponde um grande renascimento, como a uma tempestade de trévas se seguem ondas de luz!

E não são apenas os quadros, pôde affirmar-se, que precisam tornar-se scienciaes: os quadros definem o exercito, mas não são o exercito. E' erra-

do o axioma dos publicistas; errado e nocivo nas suas naturaes consequencias! Porque se o exercito é o espelho da nação, como é a escola-mãe e o verdadeiro exemplario dos seus filhos, n'esse espelho ha-de rebrilhar a imagem da sua totalidade, que não uma parcella; como ha-de reflectir um conjunto de perfeições e de vicios, que não só primores de educação! E, quem o nega? quem ha ahi bastante ousado, que seja capaz de affirmar ao paiz, que a cegueira intellectual de muitos dos seus filhos harmonisa com a technologia dos regulamentos? quem ha ahi bastante superior que possa dizer, que o analphabetismo se casa e conduna com a technica especial e devevas exigente das armas modernas?... Ao contrario, bem ao contrario, a ignorancia das primeiras letras, que é ignorancia absoluta e grosseira, não se compadece com os mais rudimentares preceitos do soldado. A luz que brota espontanea da iniciativa, como o imprevido dos regulamentos e tudo que pede á alma uma inspiração acertada, não pôde subsistir a par da estagnação pantanosa, e a ignoancia do idioma patrio não é outra coisa... E' talvez peor!

Porque, pois, conservar esse antro de escuridão e prejuizos?...

O official, ministro da guerra, que, á semelhança de Luther—*tiver uma maior receio da ignorancia das hostes amigas do que do effecto das armas inimigas*—, será um douto; como será um benemerito da patria se, attendendo á grande inspiração de Huxley, Spencer, Hugo e Julio Simon, e como elles comprehendendo—*o povo que tem as melhores escolas é o primeiro do mundo*—, em uma só ordenação determinar a instrucção primaria obrigatoria em todas as unidades militares taticas e administrativas, o que pôde fazer-se sem dispendio e com proveito immediato e indiscutivel a par dos principios organicos inherentes á composição e melhor formação dos exercitos nacionaes, que são por certo os mais economicos e os mais patriotas. Direi mesmo, os mais utilitarios sob diversos pontos de vista, por isso que a perfeição suprema na organica militar é e será sempre um ideal intangivel.

O official, ministro da guerra, que assim proceder, será ainda um benemerito da patria, porque assim constituirá um exercito de bronze, consciente, robusto e intelligente, o que não conseguirá nunca continuando a ensinar os recrutas dentro de uns quadros não permanentes, incompletos e sujeitos a muitas fluctuações. Continuando a ensinar-lhes theorias de equação e problema, formulas, termos, designações, artigos, quando elles não sabem o *abc* da cartilha maternal, e nem sequer conhecem o cathecismo do soldado! Se elles não lêem a marcação e a numeração das alças, como hão de comprehender a curva da trajectoria e o tiro indirecto?...

Temos exemplos em casa e dentro de casa. O capitão Homem Christo, cujo nome relembra uma grande apothéose, ensina a lêr em oitenta e sete dias todos os soldados de uma companhia do 14.º regimento de infantaria, no que pratica um serviço relevante e distincto: em poucos mais dias um povo foragido, que firma pé no torrão da nossa patria, ensina tambem a lêr as creancinhas, que salva da catastrophe, tendo ainda tempo de elevar em cêro preces a Deus e de cumprir outros deveres. Este exemplo, que satisfaz ao coração e preenche os vacuos da alma, no que ella tem de mysterioso e sublime, é dado em Portugal pelo povo boer; como aquelle outro exemplo, no que elle tem de philantropia e nobreza, é praticado por um soldado, que foi tambem um publicista, e é um crente.

Outra lição não menos notavel e certamente mais fecunda, mais portentosa, é o da excellente e honrada associação das escolas moveis, que sabe obrar prodigios de zelo, actividade e bom criterio, lutando contra uma corrente de burocracia acanhada e seus vãos.

Mas nós sabemos mesmo por experiencia propria como se operam esses milagres de luz, como conhecemos muito de perto o que vale e quanto vale a cartilha do talentoso professor e mimoso poeta, que no mundo dos homens se chamam João de Deus. A cartilha é, sem nenhum favor, um thesouro da infancia, pelo que a appellido de *maternal*; como poderia bem ser um thesouro do soldado se, a exemplo e por exemplo do capitão Christo, que esse methodo de leitura tão judiciosa e praticamente preconizou, um ministro, que seja um homem energico e resolutivo, determinar a sua immediata applicação e adopção.

Então não se dirá que as escolas regimentaes servem apenas para formar os cabos, buscando-os no grupo dos soldados que sabem lêr; como não se dirá que o recrutamento de um anno e de seis mezes é attentatorio da instrução militar. Porque não é! O que a conturba são as copias allemãs pretendendo adaptar o impossivel, são os sophismas e a falsidade do systema organico, são as puerilidades do quartel e dos regulamentos, são a fragilidade e a mentira dos contingentes de recrutas e dos effectivos no pé de paz, e são finalmente as theorias balofas e inuteis tendo fóros de sciencia.

Um dos grandes aperfeiçoamentos de que o exercito carece, aperfeiçoamento que interessa em muito aos seus fundamentos principaes, é o de voltar ao systema porque antigamente se fazia nos quartéis a instrução dos recrutas e o serviço interno; outro é o de possuir effectivos capazes de instrução, preceito simples e tambem da escola antiga. E sobretudo ensinar consoante as exigencias do serviço moderno, ensinando tambem a lêr sem o que serão ephemeras, inconsistentes e mentirosas todas as práticas e regras do serviço militar. Porque lêr não é só «suave canto de aurora», como dizia Castilho; é tambem função da bom conselho e origem de muita luz. Visitae a Suissa: nas suas escolas aprenderéis a razão da sua ventura.

XAVIER MACHADO.

Em resposta a este artigo, ou, antes, ás considerações das *Novidades*, publica o nosso collega *O Norte* outro artigo que vamos transcrever.

Diremos que as supposições do *Norte*, quando viam más intenções nas palavras das *Novidades*, eram infundadas.

No numero de sexta-feira, chegado hontem a esta redacção, publicam as *Novidades* uma carta do sr. capitão Homem Christo, precedendo-a de palavras, que representando um preito de justiça a este nosso patricio, demonstram, ao mesmo tempo, que as *Novidades* não são hostis, de modo algum, ao ensino dos analphabets no exercito. Antes se manifestam por elle com uma isenção e amor do progresso nacional que merecem todos os applausos.

Não transcrevemos hoje o artigo das *Novidades* por já não termos espaço nem tempo para isso. Mas fa-lo-hemos no numero immediato.

Segue o artigo do *Norte*:

* *

Instrução nacional

Publicaram ante-hontem as *Novidades* um artigo sobre o analphabetismo no exercito, em geral, e sobre a experiencia realisada em infantaria 14 pelo sr. Homem Christo, em particular.

A' parte a apologia da guerra, com a qual não concordamos, o artigo do sr. Xavier Machado é excellente e prova o amor d'este illustrado official pela instrução das classes populares, o que sendo muito de louvar em todos os cidadãos, muito mais o é n'um militar.

As considerações, porém, com que as *Novidades* precedem o ar-

tigo do sr. Xavier Machado, é que são altamente condemnaveis por serem, como sempre, de natureza reaccionaria.

E' certo que as *Novidades* não combatem abertamente a instrução, porque isso seria dar provas de fundamental estupidez, mas não disfarçam a má vontade que, no fundo, mostram contra ella.

«A função do regimento, dizem as *Novidades*, não é substituir-se ao mestre-escola. O contrario seria a inversão dos papeis, que então deveria ser logica, ensinando-se primeiras letras nos regimentos e instrução militar nas escolas primarias.»

Ora isto não é apreciar os factos. Isto é que é phantasiar. As *Novidades* acham que as aspirações do sr. Xavier Machado são phantasias, quando, realmente, quem phantasia são ellas.

E' ou não verdade que o sr. Homem Christo não deixou de dar a mais sólida instrução militar aos seus soldados, pelo facto de os ensinar a lêr, escrever e contar?

Se é verdade, como crêmos e já vimos, com provas, affirmado algures, demonstrado fica que não é preciso *inverter* coisa nenhuma e que o argumento das *Novidades* não passa d'um argumento gracioso, d'uma rasão de *mau pagador*.

Além d'isso, o periodico do sr. Navarro confunde abertamente o ensino das escolas regimentaes com o ensino ministrado por companhias, tal qual o defende o sr. Homem Christo.

Nas escolas regimentaes, pelos processos e methodos que ellas empregam, o ensino, como já dissemos aqui, é completamente inefficaz. Então, sim, para esse caso tem rasão as *Novidades* quando argumentam com a falta de effectivos.

Não havendo soldados nos regimentos que cheguem para o serviço, tolice é contar com elles para o ensino das primeiras letras, além de que o capellão seria insufficiente, e incompetente no geral, para ensinar tantos homens, se por ventura os houvesse.

Mas o sr. Homem Christo não ensinou pelos methodos, nem pelo processo das escolas regimentaes. O sr. Homem Christo quiz precisamente demonstrar que as escolas regimentaes eram insufficientes e que havia meio efficaz de as substituir. E tentou o ensino por companhias, durante a instrução de recrutas, exclusivamente, o que é uma coisa inteiramente differente.

Não ha soldados depois dos recrutas promptos. Mas do que se trata é exactamente de aproveitar o tempo em que os soldados não são distrahidos para serviço, em que aprendem a instrução militar, para se lhes dar, justamente, uma instrução importantissima, o conhecimento das primeiras letras.

Póde ser isto? Póde. Demonstrou-o o sr. Homem Christo, e este official não ha de ter o dom de ser exclusivo em tal demonstração.

Se elle o conseguiu, com uma facilidade que as proprias regiões officiaes reconheceram, muitos outros o hão de conseguir.

O sr. Homem Christo fê-lo de boamente. Isso é que haverá poucos que o façam. Mas não faltará, desde que sejam obrigados pelo regulamento.

E porque o não hão de ser?

N'isto vae o interesse do proprio exercito, que precisa de mostrar a nação que não é inteiramente improductivo, como se affirmava.

Porque não o hão-de ser, se o são no Allemanha?

Pois no exercito allemão o official não desdenha ser mestre-escola e ha-de desdenhar sel-o em Portugal?

Onde estamos nós? Já o official do exercito portuguez é mais orgulhoso da sua especialidade que o official do exercito allemão?

Boa é ella!

Que, diremos, nós não suppomos tal dos nossos officiaes. Não estamos respondendo a elles, mas sim ás *Novidades*, que não receberam, com certeza, procuração para o seu desdem.

A má vontade das *Novidades* é tão grande, que até consideram o ensino de agricultura prática, agora introduzido no exercito italiano, preferivel ao ensino das primeiras letras!

Vejam até onde chega o espirito reaccionario d'aquelle periodico!

Mas o governo italiano é que não introduzia, como não introduziu, o ensino d'agricultura prática no exercito, sem lá ter introduzido antes o ensino das primeiras letras.

Pois alguém, de boa fé e boa razão, dirá que é preferivel saber semear batatas a saber lêr e escrever?

Quem souber lêr e escrever, facilmente aprende a semear batatas. A inversa é que não é verdadeira.

A circumstancia de haver cursos de agricultura prática no exercito italiano demonstra apenas que lá fóra o militarismo trata de mais alguma coisa que da instrução professional.

E se lá é assim, nações militares de muito maior valor que Portugal, porque não ha-de ser entre nós, que sendo menos civilizados muito mais precisamos de aproveitar todos os processos de civilização que possamos possuir?

Na Allemanha o capitão ensina a lêr e a escrever os analphabets militares.

Na Italia ensina-o a lêr, a escrever, a semear batatas, a plantar conves e a podar cepas.

Em Portugal, segundo as *Novidades*, a função do regimento não é ser mestre-escola, e lá se irão os pergaminhos por agua abaixo, se o fór.

Ora valha-nos Deus!
Essa não lembra ao Diabo!
E voltaremos a este assumpto, que tem sempre oportunidade.

* *

Tambem o nosso presado collega a *Vitalidade*, pela penna de um illustre professor do lyceu de Aveiro, diz muito sensatamente o seguinte:

O methodo João de Deus

O sr. capitão Christo pediu licença para ensinar a lêr e escrever as praças da sua companhia que nada sabiam ainda; e, obtendo-a, empregou o methodo João de Deus com resultados prosperos que foram em publico reconhecidos e mereceram louvores espeziaes.

Descansem as almas susceptiveis, de ago e lama, affeitas a viver e a medrar da lambagem, que não vamos teceer elogios suspeitos ao sr. Christo, nem esperarmos da influencia d'este brioso militar e distincto escriptor, qualquer promoção na jerarchia ecclesiastica ou civil. Descansem; e recolham ao buxo a pontinha dos seus escrupulos e sorrisos pegajosos.

Queremos só assentuar um facto: é que o methodo João de Deus póde não ser inteiramente original, póde ter defeitos, mas para o nosso paiz constituiu uma verdadeira novidade e ao seu emprego e propaganda se deve uma grande percentagem, a menos, no avultado numero dos analphabets.

Quando se falla em methodo João de Deus, quando se nos deparam os seus quadros parietaes, ou a Cartilha Maternal, lembra-nos sempre que a Aveiro veio um abbede de Arcozello, Candido José Ayres de Madureira, preconisar o methodo, e applical-o no lyceu, em publico, aos professores de ensino primario, e a outras pessoas, para cujas lições haviam sido convidadas pelo commissario dos estudos, então o dr. João de Moura. Muitos o comprehenderam e adoptaram logo com exito:—muitos se enthusiasmarão com a nova phase por que se revelava a alma do poeta. A propaganda seguiu em todo o paiz com a mesma intensidade e enthusiasmo, dominando em todas as localidades, tornando-se um acontecimento nacional.

Pois bem: passados annos encontra-se o mesmo preconizador do methodo que veio a Aveiro, publicando um methodo seu, com quadros parietaes, em substituição, ou para emenda, do trabalho do mestre; e no Porto creou-se uma escola, qu' se a memoria nos não falha, se denominava «Vasco da Gama», onde o antigo e entusiasta propagandista do methodo João de Deus passou a ensinar pelo seu.

No encaço do abbede de Arcozello seguiram outros inventores de methodos de leitura tão originaes como os «Originaes

Opusculos», e hoje é facil nas lojas de livros e mercerias encontrar nos lotes esses magnificos productos da fecunda inventiva nacional.

Mas ha mais: houve um governo que decretou a adopção da Cartilha Maternal como obrigatoria no ensino dos analphabets; pouco depois, porém, uma providencia governativa invalidou essa, que a nosso vêr era justa, (e bastaria para garantir a subsistencia do poeta), para mais tarde se reconsiderar no caso, concedendo do erario publico á vinha e filhos do poeta uma pensão transmissivel da mãe até ao filho mais novo.

De modo que, em poucos annos, e na lucta de interesses meaquinhos, anda o nome venerando do poeta aos trancos e aos barrancos: e exaltado até ás nuvens por motivo do seu methodo; este é preconizado em todo o paiz; é reconhecido officialmente; dá resultados visiveis, e incontestados...; mas depois surgem, ás duzias, inventores d'outros methodos; methodos correctos e aumentados. E' uma invasão; é uma epidemia; é uma praga. A opinião vira dos pés para a cabeça, e vae até ás regiões officiaes, onde, todavia, mais tarde, se entende de obrigação acudir, com uma pensão, ás urgencias da familia de João de Deus, que estaria a coberto d'essas urgencias se se mantivesse como obrigatoria a adopção da Cartilha Maternal.

Pobre Cartilha Maternal! Como ella apparece tratada nos methodos novos inventados posteriormente ao apparecimento d'ella! Faz dó. Mas a verdadeira, a legitima, a que pela vez primeira vimos preconisar a um dos seus primeiros e mais convictos e entusiastas propagandistas, essa ainda subsiste e ainda ha quem a use com prospero resultado, para a infancia e para os adultos. O sr. capitão Christo deu essa prova e esse nobre exemplo; e como no caso nos achámos, provavelmente, em communiidade de ideias, seja-nos permitida essa expansão, com licença ou sem ella dos que vivem só a derrear a espinha, e imaginam que todos assim são.

VINDIMAS

Principiaram já em todo o concelho de Aveiro. Diz-nos pessoa entendida que este anno a colheita é magnifica; que as ultimas chuvas que cahiram beneficiaram muito a produção.

Por este motivo e pela pouca exportação que infelizmente teem tido os nossos vinhos é de crêr que este genero desça consideravelmente no mercado.

Diz-se que as reformas de instrução publica em projecto não serão postas em vigor no proximo anno lectivo.

TYPOGRAPHIA

— DO —

POVO DE AVEIRO

Acha de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de plantação, proprios para obras de luxo. Encaregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outros qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

Assassino aos 14 annos

Dizem do Fundão, que ha dias, um garotinho d'alli, de 14 annos d'idade, tendo as suas desavenças com um rapaz de 20 annos, rapaz de teres e haveres e muito bem visto, o esperára, assassinando-o á falsa fé. E contou depois na prisão, o assassino, com um sangue frio improprio da sua idade, que fizera muito bem em o matar, porque elle, o que morreu, lhe tinha tambem furtado um pintasilgo de uma gaiola!

Uma só facada no coração, prostrára o pobre moço.

Partiu para a sua casa de Villa Verde, o sr. João Soares Feio d'Azevedo, digno secretario geral d'este districto.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás	De tarde ás
3-45 m.	7-6 m.
5-21 m.	10-5 m.
9-11 m.	

De Aveiro para o Sul

De manhã ás	De tarde ás
7-34 m.	3-47 m.
10-42 m.	5-36 m.
	10-43 m.

Escola Districtal

Acha-se já affixado na porta d'esta Escola o edital para a matricula dos alumnos d'este estabelecimento, desde 1 a 5 de outubro do corrente anno.

Desmente-se a noticia de que tenha havido quaesquer reclamações, respeitantes ao contrabando de guerra em Laurenço Marques.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer.

—*—

installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

Festa e arraial

Hoje festeja-se na Costa de S. Jacintho a Senhora das Araias, constando de culto interno e arraial. Hontem houve fogo preso e musica.

Já se acha completamente restabelecido dos seus incommodos, o sr. Carlos da Silva Mello Guimarães.

ABERTURA DOS LYCEUS

A inauguração do novo anno lectivo em todos os lyceus centraes do paiz realisase a 10 de outubro, visto haver exames até ao dia 9.

O jornal mais antigo que se conhece é o «Antepassado» («Kin-Pan»), que se publica em Pekin ha mais de mil annos. Fundado no IX seculo, foi primeiramente mensal, até 1361; depois, semanal e, por fim, diario. Desde 1800, data d'esta ultima transformação, o nosso veneravel confrade publica tres edições ao dia: em papel amarello, de manhã; pardo ao meio dia e, de tarde, azul.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

ANNUNCIOS

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os meliores bagaços para alimentação de todos os animaes.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do **QUO VADIS?** seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de **EDUARDO NORONHA**

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de **EDUARDO DE NORONHA**

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escafpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do **QUO VADIS**, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolvem-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram **O DILUVIO** superior ao **QUO VADIS**.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

PARA E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sabir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões

Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

PUBLICAÇÕES

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA
Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA

DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de **PEDRO VIDOEIRA**

50 rs. cada semana, no acto da entrega

"O NORTE,"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.